

O Gaiato

22 DE OUTUBRO DE 1966
ANO XXIII — N.º 590 — Preço 1\$

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALLES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



AMÂNDIO, DE 4 ANOS, É A «MENINA DOS OLHOS» DA NOSSA ALDEIA DE PAÇO DE SOUSA E DE TODOS OS AMIGOS QUE NOS VISITAM.



Andamos a ceifar e a colher o nosso arroz. Ele é uma pequena força material da nossa vida. Durante o ano, vamos aqui e ali e compramos «fiado», à maneira dos Pobres, que na mercearia têm que pagar o que já comeram, por via de lhe fiarem o que hão-de comer. Nós temos sido assim e o Senhor ainda não nos fechou a porta.

Vivemos sempre em débito, porque o haver é tentação. A nossa Oira é para grangear bens espirituais, e não amontoar materiais. A matéria é doce, na medida em que nos serve para podermos propagar e aperfeiçoar o espírito. É só por isso que nós tantas vezes pomos aqui com dor, os problemas de ordem financeira.

Tenho-me levantado um nadinha mais cedo e vou ali ó pé da eira para ver o arroz colhido. Ontem, estavam as nossas pombas a comer do dito. Parei um pouco para ver se as contava. Achei que eram muitas, mais que na época em que não temos arroz. Pensei nos nossos problemas materiais. Nas canseiras que temos por querermos formar homens, e falharmos pela insuficiência dos que sentem o fardo. Olhei as pombas-aves, e olhei as outras pombas-homens, e vi que precisamos da matéria para formarmos e alimentarmos o espírito: um espírito em Verdade e Justiça, à parte religião. Não queremos formar nem fazer santinhos com complexos que depois se definham na vida do mundo. Queremos formar homens de valores humanos que mostrem a Verdade e a Justiça através daquilo que fazem e do que pensam. A acção é que é cristianismo. Cristo não deu a outros a Sua Cruz; tomou-a e levou-a. Não prégou a Cruz, e depois fugiu dela. Amou-a e chamou-lhe Salvação.

Ora, se as pombas-aves não fogem do nosso meio quando têm que comer, os nossos pombos rapazes precisam do meio e do ambiente material que os satisfaça e onde possam acumular no espírito aquilo de que o mundo carece: Amor à Verdade e à Justiça.

Andamos a construir a habitação do nosso Lar. As oficinas estão à espera da electricidade, para serem habitadas. Devemos muito dinheiro, e vamos contraír mais dívidas, pois a habitação vai ficar ainda mais avultada do que o edifício das oficinas. Para que a Verdade e a Justiça reine, precisamos desta matéria.

«Não se pode prégur a estômagos vazios», diz Pai Américo. A matéria é precisa para formar o homem. O que serias tu se nascesses e vivesses sempre na miséria material?!

Ajuda-nos a tirar as pedras do caminho, para que tu próprio não tropeces nelas.

x x x

Tivemos hoje as nossas eleições. Coisa séria, muito séria nas nossas comunidades. Um rapaz a comandar os rapazes, é tão necessário nas nossas casas, como o pão que comemos. A experiência

CONTINUA NA PÁGINA TRÊS

Respostas ao postal-aviso

Quando nos lançamos a escolher (escolha difícil!) algumas das cartas recebidas, só nos apetece calar o bico e deixar falar os nossos correspondentes. Olhem para aqui e vejam se não temos razão:

«Junto um vale do correio de 500\$00 para ajudar a pagar as capas do precioso livro «Obra da Rua». Só o faço hoje porque não o queria fazer sem o ter acabado de ler. E só a página 43 do mesmo levou meses de meditação sem poder passar adiante; aquela em que Pai Américo diz, referindo-se aos Pobres: «Quando calha ser insultado ou até soçado por aquela pobre gente retiro-me para outros sítios a fazer penitência dos meus pecados e deixo correr o marfim». Que santidade em tão alto grau! Como eu me reconheço o mais pequenino dos mortais perante tão grande alma! E logo a seguir: «Nem eu seria melhor, nem tu, se vivéssemos como eles vivem». Que grande verdade estas palavras encerram! Eu sei, por experiência própria, as ideias sinistras que me assaltavam quando vivia como eles e é por isso que agora, quando posso, costumo deitar umas gotas de água nas brasas, mas infelizmente há tanto quem lhe sopra que um dia o incêndio pode deflagrar de maneira que até pode queimar os próprios bombeiros. E parte deste meu receio tem a justificação na página 212, onde

Pai Américo diz: «Fui um dia destes às portas de um palacete. Eu era mendicante. — Reze para que não venha o comunismo, padre.

da NOSSA EDITORIAL

— De que vale, se o Senhor reza para que ele venha! Este pobrezito, que não é capaz de contar tudo quanto tem, vende os fatos usados!».

Leiam e saboreiem mais esta:

«Junto, envio 50\$00 para 1 exemplar do «Obra da Rua», que recebi já o mês passado, pedindo desculpa pela demora.

Bem hajam todos os que continuam a Obra admirável do saudoso Pai Américo e es-

palham a sua doutrina que tanto nos ajuda e incita a sacudirmos o egoísmo e indiferen-

Continua na página TRÊS

LAR DE LISBOA

É domingo, 9 de Outubro. Estou no Tojal. Faz amanhã um mês que saí n'«O Gaiato» uma notícia com o título que encabeça esta. O assunto não está arrumado. Devemos, pois, actualizar a grande Família acerca do seu andamento.

Entre as não muitas respostas à nossa provocação do mês passado, destaco três. Uma, a daquela discretíssima e anónima Senhora que chamou Padre Luís ao fundo penumbroso de uma Igreja de Lisboa e, com as poucas palavras que cabem num minuto, lhe entregou cem contos. Estes não vinham endereçados ao problema do Lar. Foi no regresso que a Senhora achou no Famoso a notícia dele.

E, como «as coisas paradas não rendem», ei-la de novo ao telefone, convocando Padre Luís ao fundo da mesma Igreja, onde, de óculos escuros, como na primeira vez, ela compareceu a entregar suas joias de Família no valor de umas dezenas de contos. O valor da sua renúncia e decisão não é aferível neste mundo. Chama-se Sabedoria. É dom que Deus dá.

A segunda abrange vários conselhos eficazes que vão dos vinte escudos a vinte contos.

A terceira é dada por este postal:

«Amigos:
Não comprem a casa com dinheiro a juros! É muito triste dever! E quem

empresta dinheiro a juros — e para mais elevados! — à Obra da Rua, não é seu amigo e será seu escolho. É bem melhor, por exemplo, ir prá cama com fome — porque o dormir é meio sustento — que ir com a mágoa de não poder pagar ao credor que assedia a porta. Os usurários estão habituados a «muitas coisas». Se a Obra da Rua devesse sujeitar-se a certas burocracias, Pai Américo tê-las-ia aceitado no início e a Obra teria nascido enfiada. Os usurários e os penhoristas — que são irmãos — engordam precisamente à custa dos que não têm confiança em si nem em Deus, nem sabem esperar.

Continua na Página QUATRO

Filhos ilegítimos?

O princípio do ano lectivo traz-nos habitualmente a recompor dos nossos quadros. Alguns rapazes vão para empregos; outros, estudar — e assim deixam as suas vagas que importa preencher. Tarefa dolorosa esta de escolher entre dezenas de casos que nos são apontados, os mais urgentes, os mais sombrios, os dos mais cuidados e abandonados — os nossos. Tarefa dolorosa, porque são tantos assim, tão equivalentes, que a pobre dezena de vagas, se nos proporciona a doce oportunidade de estender a mão a outros tantos, também nos serve o gosto amargo de a negarmos a muitos mais. É a contradição.

Este debruçar-nos sobre tantas histórias angustiosas assopra em nós o fogo do inconformismo, que o hábito de lidarmos com a miséria só por graça de Deus ainda não embotou.

Nós, e todas quantos trabalhamos nesta missão, somos cúmplices de uma ausência de estruturas que muito debilmente ensaiam remediar os problemas que não resolvem.

A lei que classifica os homens em legítimos e ilegítimos é uma verdade triste, na defesa da causa destes últimos, justamente a parte mais fraca.

Fu tenho andado a ler a «memória descritiva e justificativa» do projecto do novo Código Civil no que respeita à Filiação. Há nela uma nítida inconsciência da vida — reflexo de quem a não vê, a não apalpa, a não sente; somente a pensa e a redige desincarnadamente, mediante o raciocínio abstracto tecido num gabinete.

Houvesse o legislador de resolver o que levanta a carta publicada ao lado.

Como faria?

Os dois mais velhos são legítimos. Mas o progenitor está em Inglaterra. «Vamos tentar ver se o pai toma conta deles» — diz a nossa correspondente. Vamos — quem? Um alma boa que foram ver as 8 crianças e se angustiar com a sua pouca sorte. Naturalmente a primeira tentativa delas será escrever ao pai, a ver se ele faz o favor de olhar pelos seus filhos. Se ele o não fizer de boamente, a quem irão as almas boas? A Justiça? Mas o parecer do legislador é que as medidas penais praticadas em muitos países «se mostram remédio muito precário e cheio de perigos para a família» — de modo que a Justiça decerto encomendará o caso à Providência... Tivesse o indivíduo em causa assaltado um Banco, ou tivesse deixado documentos comprometedores ora descobertos... agora os filhos...!

As três crianças seguintes são filhos de um marinheiro. Não serão estes tão numerosos na nossa Marinha que seja muito

difícil encontrá-lo. Porém quem o obrigará a assumir a responsabilidade destes filhos?, tanto mais que ele casou e o importante é não perturbar a família legal com este caso de somenos, fruto dos desvarios do seu chefe antes de a fundar... De modo que estas três crianças, se não acudarem na Caridade um remédio para a sua sorte, que não de conhecer no

futuro senão o que já sabem experimentalmente: abandono e miséria?!

Talvez que o estivalador não engeite os filhos que gerou. E, embora os não possa ter consigo, contribua para que alguém capaz lhes crie. Mas, se não estiver para isso, quem o obrigará eficazmente, como ao primeiro, ausente em Inglaterra?

Que as boas almas que foram ver e se angustiar tentem a solução de Justiça para cada uma destas crianças! E quem dera que não nos enganássemos nas nossas interrogações e reticências!

UMA CARTA

A Paço de Sousa e a «Belém» veio dar esta carta que, sem sabermos um do outro, ambos glosámos em pensamentos paralelos — sinal de que a mesma ferida sangra nos nossos peitos.

Ela aí vai. E com ela, sob epígrafes diferentes, os desabaços que provocou a Inês e a mim.

«Fui ver 8 crianças, dos 2 aos 12 anos, a quem morreu a Mãe há dias e que estão, desde então, com a Avó, uma mulher de 74 anos que vive de esmolas e dificilmente dá uns passos.

Como quase sempre acontece nestes casos desgraçados, as crianças são filhos de homens diferentes, sendo só os 2 mais velhos filhos do marido da Mãe que actualmente reside em Inglaterra. Vamos tentar ver se o Pai toma conta deles — uma rapariga com 12 anos e um rapaz com 11, mas temo que o Pai só tome conta da pequena, pois a Avó diz que ele sempre falou na educação da filha mas nunca na do rapaz. Os 3 seguintes — uma rapariga de 9 anos, outra de 8 e um rapaz de 7 — são filhos de um marinheiro a quem perderam o rasto. A Avó das crianças sabe apenas que ele casou e anda quase sempre embarcado. Os 3 mais novinhos — um rapaz de 4 anos e meio, uma rapariga de 3 anos e outra de 25 meses — são filhos do homem com quem a Mãe actualmente vivia. Este trabalha na estiva e diz não poder tomar conta dos filhos porque vive numa barraca miserável e não tem ninguém que cuide deles.

A Avó disse-me que já «deu» a pequenita de 3 anos a um casal sem filhos que a quer adoptar. A bebé de 25 meses ainda não fala nem anda e tem a barriga enorme típica dos subalimentados!

A Avó chora, chora e não sabe o que há-de fazer com tantas crianças e tanta miséria».



Eis os pontos que a carta acima me sugere e julgo merecerem ser postos à consideração de todos.

1.º — ...Vamos tentar ver se toma conta dos dois filhos. É assim mesmo! Quem quiser meter-se a salvar crianças, só pode limitar-se a tentar, porque em Portugal não há lei que obrigue Pai ou Mãe a tomar conta dos filhos. Eles cumprem os seus deveres para com a prole... se quiserem.

2.º — A lei não tem força para os obrigar a cumprir os seus deveres para com os filhos, mas ga-

rante-lhe o exercício dos seus direitos sobre os mesmos. Em consequência, quem tem mão livre para os salvar, quando aqueles os votam ao abandono? Nem as Obras que nasceram com tal fim, nem os particulares.

3.º — Em Belém não há um cantinho vago, mas têm sido tantos os pedidos aqui recebidos, de casais sem filhos e senhoras solteiras, para adoptar meninas abandonadas que, quantas apparecessem livres, todas seriam bem colocadas. Essas meninas de que fala a presente carta, poderiam, por tal meio, vir a possuir um lar acolhedor. Mas como, se ainda não há adopção legal? Amanhã, os parentes iriam intrometer-se na sua vida, os pais adoptivos não teriam mão livre para as educar e acabariam por perdê-las. Ora a isto é que ninguém se quer sujeitar.

TRIBUNA DE COIMBRA

Vamos hoje dar nota da nossa colheita de Abril para cá. Não esqueças que o valor não está somente nas quantias; a grandeza do dar está na humildade e na renúncia. Chegam ajudas que escaudam as nossas mãos.

Cem, mais cem, mais cinquenta, mais vinte, mais quarenta em

Santa Cruz: cento e quarenta de visitantes; vinte nas minhas mãos; as lembranças mensais de Lisboa; embrulho do Entroncamento; 750 do primeiro ordenado dum filho, fruto dos calos da mãe; cem das Caldas de S. Jorge; cem mais setenta no Castelo; cem, mais cem em Santa Cruz; cinquenta em carta.

Mil de quem se dá por mãe aos nossos estudantes; cem, mais vinte na Sé Nova; cinquenta, mais quinhentos e mais em Pombal; cem em vale de Lisboa; vinte, mais cem em Santa Cruz; duzentos no Castelo; duzentos, mais cinquenta levados por Senhoras ao Lar; 120 por senhora Professora; mil e trezentos pelas Auxiliares Sociais; duzentos e oitenta do Alberto do Canadá; quarenta das amiguinhas, mais cem, mais cem do Castelo; cem, mais cem, mais cinquenta deixados em Santa Cruz; quatro mil com que tinha ido acudir a uma pobre mãe viúva com nove filhos.

Cinquenta de Gavião; 380 e embrulhos recolhidos por apaixonados em S. Jorge; cem de sacerdotes visitantes; duzentos de Almeirim; cem do Entroncamento; cem de Ilhavo; cem de Leiria, de mãe que sente muito amor por nossos filhos; mil entregues por Professor Universitário; almoço e cem entregues pelos dois filhinhos; cem de contrários; cem, mais cem em Santa Cruz; um saco de batata de casal que sabe o que são privações; dez na procissão da Rainha Santa; mil de «dois cristãos amigos da Obra de Pai Américo»; 112\$50 de professores primários visitantes; quinhentos na Praia de Mira, de quem faz assim muitas vezes; cem de sacerdote; quinhentos, mais mil, mais cinco em Santa Cruz.

Trezentos, mais quinhentos para o Calvário; mais cem a pedir uma graça para um filho no Castelo; duzentos e mais cem no baptizado duma fillinha de família que muito nos ama; cinquenta à porta da Igreja na Figueira; roupas de Nazaré; roupas da Covilhã; cem de promessa; 150, mais duzentos, mais cem, mais cem no nosso acampamento; trinta na sacristia; cem de Senhora escritora que nos visitou; setenta do Entroncamento; cem em Santa Cruz; cem de Monte Real; duzentos da Figueira, de médico que não nos pode ouvir; cinquenta da Figueira de criada de servir que me trouxe ao colo.

Cinquenta a um vendedor; cem num estabelecimento em Coimbra; cinquenta das Caldas; vinte, mais cem numa reunião; 140 da Mealhada de quem quer marcar presença todos os meses; cinquenta, mais cem à mão; merenda para todos e 120 de Senhoras de Lisboa que vieram trazer muito amor à nossa casa; quinhentos no Castelo; cem no Castelo de S. Jorge; embrulhos trazidos a nossa casa.

No mês de Agosto fomos dar uma volta pelas termas e praias do centro. Acolheram-nos com a

Onde o homem de leis que lhe acuda?

Inês Belém



RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO da NOSSA EDITORIAL

Continuação da página UM
ça, para nos lembrarmos mais dos outros e, sobretudo, dos que precisam mais do que nós. E isso nunca, nem de modo algum, o poderemos pagar.

E demos graças a Deus por mais esta, de Lisboa:

«Pedi o «Obra da Rua» que recebi prontamente e prontamente li saboreando e gemendo pelo tanto que nos falta para vivermos em Deus verdadeiramente.

«Não queirais duas túnicas!» — e toda a gente a digladiar-se em busca de dúzias delas. Porque? Se esta vida é um triste rufo e havia tanto que fazer despojando da áspera túnica de penas os irmãos mais que pobres, e cobrindo-os com tantas que há, egrísta e cegamente em excesso, para muitos.

Eu desejava enriquecer-me agora com os 3 volumes de «Pão dos Pobres», porque não sou rico de bens terrenos e bem pobre ainda dos espirituais.

Mas bens, se os tivesse, nessa Obra que é o meu enlevo, nada faltaria.

E nunca adquiro nada que me pareça mais supérfluo, que me não doa não ser mais valente para o dispensar em favor do sagrado dever de ajudar a manter os rapazes do «Gaiato», os doentes do «Calvário», as tecedeiras de Ordins, etc. E é sempre um preguinho só para cada lado, e dói-me, apesar de que à minha volta, bem próximo também, não posso fechar os olhos aos cadilhos que Deus me deparou.

Por isso mando a miséria de 200 escudos em vale do correio, para compensar um nadinha a preciosidade desses livros de ouro que não têm preço. Espero em breve poder mandar mais uma migalhinha para a cova de um dente de algum «batatinha».

Que Deus nos valha sempre e nos ajude a todos nas nossas necessidades e sobretudo a encontrar o Seu Reino».

O nosso correio é uma riqueza extraordinária! E só os fariseus (como naquele tempo...) se poderão escandalizar com a Verdade que emerge de todas e cada uma das missivas.

Agora vamos mas é falar do movimento desta quinzena. Saibam todos que o interesse ainda não arrefeceu. As cartas

simpatia de sempre. O nosso Padre Acílio que anda tão aflito com o volume de obras e cento e quarenta rapazes, recebeu pouquinho em S. Pedro de Moel. S. Martinho do Porto bateu o record de sempre. A Figueira, Luso, Monte Real mantiveram o nível anterior.

Queremos pedir ao Senhor que tudo tenha aceite e faça frutificar a semente que procuramos deixar na alma de cada um.

Padre Horácio

acima são o índice do borbulhar que agita a alma de todos quantos se deram ao trabalho de responder ao nosso postal-aviso.

Laurindo tem procurado servir todas as encomendas com prontidão. Mas quando a gente vê rótulos espalhados pela secretária, sem andamento, cá é o carmo e a trindade! Esta semana, porém, como o movimento de facturas da Tipografia foi uma coisa nunca vista (até até coça a cabeça!) o despacho do expediente livreiro tem sofrido um empenozinho. Todavia, a coisa não tarda a

Cantinho dos que ficam

As últimas semanas têm-me proporcionado uma oportunidade rara de avaliar experimentalmente a diferença que faz um homem com ideal de outro que o não tem. Este anda em fase com as marés da vida: rejubila enquanto (não digo quando!) a corrente é fácil e suave; e cai abatido sob a maré vazia, mais vazia ele, como um balão a que fugiu o ar. Aquele não. Acusa em alegria os momentos altos que a vida oferece, como acusa em depressão as horas críticas, pesadas. Como havia de não ser assim se ele é homem, de carne, sensível?!... Mas acusar o toque não é declarar-se vencido. Tampouco demitir-se da luta.

O homem com ideal tem na alma a esperança. Sabe que após uns dias maus virá um dia bom com todo o gosto compensador da bonança depois da tempestade. Ele sabe que os dias maus são a consequência das nossas variações, da nossa fraqueza, das nossas faltas — não daquele em quem esperam, que Esse não sofre variação e tudo o que lhe sai é Bem, até mesmo quando tira dos nossos males.

Por isso não gasta tempo em procurar fora de si as razões das horas duras. Sabe que, antes de mais, elas são fruto da sua deficiência natural, pior quando ela é consentida e não contraditanda. E só depois, sim, procura também nos outros, nas suas falhas ou ausências, a explicação complementar dos maus sucessos. Primeiro que tudo o homem de ideal tem de ser humilde. (E o que há de válido no homem que não tenha por suporte a Humildade?!...). Depois é optimista. Crê nos outros homens. Ama-os. Sofre-os como eles são, na ânsia de os ajudar a transformar. Prende-se ao que eles hão-de ser quando se libertarem do que estão sendo. E espera sempre vir a tê-los como colaboradores na apaixonante tarefa de deixar o mundo melhor.

É isto que eu tenho aprendido nestes dias de alguns dilacerados por muitos sofrimentos, que tão

ir ao sítio. Não podemos parar! Há que ter a vida em ordem. E servir todos com a máxima prontidão. É que há encomendas com datas marcadas: «Mande-me os livros «Pão dos Pobres» e «Obra da Rua» até ao dia X. São para oferecer em um aniversário». Outros, ainda, são para férias. Enfim, todos os dias aparecem respostas ao célebre postal-aviso. Os africanistas não gostam muito de mandar correspondência por barco. E muitas são as respostas que nos surgem por via aérea!

Esperemos que o movimento não sofra quebras. Se for preciso, a gente adquire um ficheiro de classe, como o do Famoso. Já que o da Editorial está a ficar repleto, com as gavetas superlotadas!

Júlio Mendes

depressa os esquecem quando ao cimo da sua memória assoma a preocupação esperçada do que falta fazer. Dos poltrões não reza a história: dos que estagnam a gozar os louros com que outros, certamente, os favoreceram...; ou se demitem quando ao longe prevêem a borrasca. Homem de ideal é o que se conjonja e fortalece nos êxitos alcançados, de coração virado à montanha que importa escalar. Amantes das alturas, fasciados pelas metas longínquas que importa alcançar, eu beijo as mãos dos meus companheiros que tão vivamente me têm ensinado esta lição.

Setúbal

fala-nos e diz-nos do porquê.

Era uma vez um rapaz numa prisão. Sentia o dever, mas sentia o peso do verdugo e da opressão dos guardas. Um dia apareceu um director que levava a coisa para um ambiente familiar, e então mudou-se o feitigo contra o feiticeiro. Os oprimidos passaram a ser os opressores. Aquele rapaz, até então apagado, começou a exercer nos outros colegas uma acção que os encaminhava e seduzia. Ai das Casas do Gaiato se nós tirássemos da nossa norma o auto-domínio, e o comando dum deles!

Pois nós precisamos de escolher um que tomasse a cruz. Primeiro reunimos os 10 responsáveis — os mais maduros — e escolhemos 5 deles que tinham qualidades para serem o irmão-mais velho dos outros. Nós so-

Gles... Gu... A Natureza!...

Debaixo duma palmeira,
Sombria, alta, grosseira,
Dois pequenitos brincavam
Um punha da terra lama;
O outro ia p'la rama;
A pedra ambos buscavam.

Um mandava, outro buscava.
O que vinha ordens dava.
Tal era a inocência.
Pedra após pedra, erguiam
A casa que eles diziam
Ser a sua residência.

E o Sol, por entre as palmas,
Vinha ver as duas almas
Que brincavam santamente!...
Quando a tarde arrefecia,
O Sol do alto descia
Para aquecê-los docemente!...

Assim as horas passaram,
E os pequenos findaram
A casita «fantasia»!
E, num passito ligeiro,
Meteram-se p'lo carreiro,
Pois a noite já caía.

Quando de vista os perdi
E sòzinho me senti,
Medittei forte e profundo!...
Quanto amor, quanta ternura,
Quanto carinho e ventura,
Há nos recantos do mundo!...

Benguela, Agosto/66 Santos Silva (ex-«Funeca»)

CONTIN. DA PÁGINA UM

mos e queremos ser uma família. Depois, fomos votar. Os eleitores eram todos os que tinham mais de 14 anos, e com exame da instrução primária. Antes da votação, dissemos e falámos da seriedade, da responsabilidade, e ainda da liberdade e direito da eleição. Isto é importante. O direito e a liberdade. Imposição pra quê, se a revolta aparece na consciência e não na boca?

Pois nós, fazendo as coisas à nossa maneira — a consciência

é base — fizemos eleições. Foram eleitores 49. Candidatos 5.

A nossa acção de graças, a nossa alegria, está aqui carimbada, pela consciência que todos os eleitores tiveram na votação. Nós tínhamos pedido ao Senhor que chamasse quem quisesse.

Os Rapazes também sabem ver onde está o melhor governo. Eis a votação: Rouxinol 35; Botelho 8; Cereja 5; Zé António 1.

Saibamos ver a cruz do chefe.

Ernesto Pinto



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

* Amigos leitores, como já lá vão uns meses que não dou notícias aí vão algumas referências ao que se passa cá pelos nossos lados.

Hoje, como é sábado, a principal tarefa da malta, em geral, é arrumar e limpar melhor que o costume as suas obrigações. Assim os das limpezas das casas varreram, esfregaram, lavaram, deram lustro, limparam o pó e ajeitaram as camas de alguns que, de manhã ao fazê-las, se descuidaram e as deixaram um pouco mal feitas; os «batatitas» é vê-los de vassourita feita de arbustos a varrerem as ruelas e largos da nossa aldeia deitando para o ar canções alegres e simples como eles próprios: na oficina, «os caloiros», à tardinha, tratam de arrumar ferramenta, limpar o chão, etc...

Tem de ser assim. Onde há trabalho deve haver arrumação pois que na balbúrdia ninguém se entende.

* ESCOLAS: começou mais um ano escolar. O dia de ontem foi apenas

de apresentação. O nosso Prof. Carlos Manuel distribuiu os livros, cadernos e outro material escolar aos seus alunos, deu os conselhos da praxe e... 2.ª feira, se for preciso, já haverá puxões de orelhas.

Começaram a sua vida escolar os nossos «batatas» Tô Zé, Victor e Jorgito. Vamos lá a ver como se portam.

* Se os visitantes que cá vieram o verão que passou vierem outra vez, decerto que estranharão a nossa quinta. Pois não podia ser mesmo outra coisa uma vez que as colheitas já estão todas feitas. Os campos outrora verdejantes, estão agora desnudados, esperando que o arado lhes passe por cima.

Ainda há pouco estive com um grupito a recolher os últimos 32 alqueires do nosso milho: graças a Deus que enchemos as arcas: o feijão e as batatas já estão no celeiro; e as nossas uvas, que nos deram dias alegres de vindima, estão agora a fazer pelo vinho.

Por tudo o que colhemos, bom ou mau, pouco ou muito, demos graças ao Senhor e que sobretudo Ele deite a Sua bênção.

* RETIRO: Realizou-se a semana passada o retiro anual dos Rapazes da Casa de Miranda e Lar de Coimbra. O local escolhido foi o do costume: N.ª S.ª da Piedade de Tábua, que a mão do Criador parece não ter feito com outro fim.

Foram todos os rapazes maiores de 15 anos que, querendo e podendo, fossem capazes de compreender a grandeza da Graça que Deus nos dá ao proporcionar-nos a ocasião de fazermos um retiro.

Deus queira que tenham aproveitado o máximo e que saibam andar sempre cheios do Espírito que os iluminou nesses dias. É isto que vais pedir na tua oração, não é verdade, amigo leitor?

Então obrigado e até à próxima quinzena.

António Ferreira da Silva

É aborrecido ouvir sempre o mesmo e, por isso, resolvo terminar, mas peço-vos que ajudeis esta Obra a crescer, porque ela não é só minha e tua, mas sim de todos nós.

José Luís Faria Magno

BEIRE

* Notícias das nossas colheitas de Beire:

Os trabalhos do campo são na realidade bastante trabalhosos, mas no entanto temos todo o gosto pelo rendi-



O Zé Gomes e a Olga cesaram em nossa Capelinha. Ei-las, após o enlace matrimonial, refrescando-se na fonte de S. João.

mento que dão todos os sacrifícios que fazemos para tudo produzir. Este ano tivemos bastante batata; ainda passou de 20 mil quilos; milho nem se fala: deve ultrapassar as vinte toneladas de milho; tivemos também bastante feijão, muita fruta, hortaliça, etc... Depois de tirarmos todo o milho começou a ensilagem da palha do milho híbrido que é bastante proveitoso para refeições do nosso gado. No princípio tudo correu bem; já tínhamos um silo quase cheio e o Sr. Padre Baptista todo afadigado também ao nosso lado ajudou-nos, etc... O que estava à máquina tudo estava a correr bem! Mas a máquina era de Paço de Sousa e está bastante usada. No meio disto tudo partiu todo o centro das lâminas ou está incapaz de acabar de ensilar toda a palha. No ano passado aconteceu o mesmo mas agora está sem concerto algum. Pedimos pois que Deus batesse no coração de uma alma generosa que nos resolvesse este grande problema que nos causa todos os anos. A máquina é bastante cara: deve custar 11.000\$00. Temos dificuldades financeiras porque a casa de Beire cresce com dificuldades grandes. Quantas vezes o Sr. Padre quer fazer contas com os operários e não tem dinheiro. Lembro que as máquinas se vendem no Tramagal: lembro também aos Srs. desta mesma Fábrica que tenham pena de nós; digo também que a direcção é Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

* Notícias da nossa Conferência de Beire. Há muito que não tenho dado notícias porque tudo tem corrido bem. Lembro que ainda não acabou a nossa Conferência temos tido poucos donativos. O que tem segurado a coisa são os subscritores que têm amparado com bastante carinho. Está a chegar o frio e vários confrades pedem agasalhos para seus Pobres e não tenho. Da parte financeira também está em baixo. Pedia na medida em que pudessem que nos fossem ajudando.

Agradece tudo.

A. Henriques

Paço de Sousa

* Muitas dores de barriga, muitas caras sujas e... está tudo dito: Vindima na Casa do Gaiato. A malta das oficinas foi mobilizada, e os poucos que ainda ficaram — por via dos trabalhos não ficarem parados — não foram esquecidos. Houve sempre uma alma boa que conseguiu fazer eclipsar, uma ou outra giga de uvas e sem dar nas vistas, lá foi ter com os velhos amigalhões. As uvas chegam para tudo! Comer, estragar, e é claro para fazer o respectivo vinho. Mesmo este não se bebe todo vendendo-se parte dele. Acabaram as vindimas deste ano. Agora é ver os «batatas», em volta

para a Guiné. Partiu contente, como já é habitual dos nossos rapazes. Não há lugar para tristezas nem lágrimas! Afinal estão para lá tantos que, com o mesmo sorriso se despediram deite.

Há poucos dias chegou mais um, o Martins. Uns vão, outros voltam. Formamos uma cadeia sólida e unida que leva e traz o abraço do irmão que apenas os quilómetros separam.

* «Campanha do acordeão».

Não posso dizer que esteu muito satisfeito com as notícias que tenho para vos dar neste número. Apenas dois donativos chegaram. 50\$00, de uma amiga de Ovar que eu mesmo recebi e outro de 20\$00 vindos de Cruz da Beira.

E logo hoje que tenho uma notícia alegre para dar-vos. Todavia não tem o sabor total, uma vez que a Campanha não está a tomar o caminho que eu esperava quando a lancei. Mas a notícia aqui vai na mesma. Temos o acordeão em casa. Não. Não temos lá a quantia necessária, nem tão pouco ficamos em débito com o vendedor. Todavia, eu é que fiquei em cheque com o Sr. Padre Carlos uma vez que lhe pedi emprestado o que faltava, comprometendo-me a entregar sem juros e sem prazo. Confiado que havia de chegar pouco a pouco, fiquei tranquilo. Agora já não posso dizer o mesmo! Fiquei até com receio de não cumprir o que prometi, ao verificar tamanho esmorecimento na campanha. Será que está esquecida?! Eu estou atropalhado!!! Pesa-me a dívida! Agora é que se conhecem os amigos. Costuma-se dizer que eles são para as ocasiões. Ora aqui têm uma. Quem é meu amigo?!

João da Rocha

LAR DE LISBOA

Continuação da página UM

«— Conselhos balofo! Manda-nos mas é notas do Banco!»

— Vós ledes no meu postal e Deus no meu pensamento!»

Foi das primeiras reacções recebidas a que nos manifesta esta missiva de 14/9, cheia de bom senso e de amizade. A eficácia do conselho não é expressa em notas do Banco, mas nós acreditamos na fertilidade dos desejos que o coração profere, embora só Deus os escute!

Esteja descansado o nosso correspondente: Se Deus quiser, não cairemos nas malhas da usura, nem que tenhamos de remediar só em meio piso e aguardar a solução completa em dias melhores. É certo que ainda não deram sinal de vida muitos dos nossos leitores com disponibilidades, os quais vão hoje meditar na filosofia simples da nossa anónima Senhora da primeira resposta: «As coisas paradas não rendem».

Confiamos em Deus que os ajudará a determinarem-se. E com a graça d'Ele saberemos esperar.

BENGUELA

* Estimados leitores: é pela primeira vez que escrevo para «O Gaiato».

Deveis saber, que nestes últimos dois meses, a nossa Casa andou em grande alvoroço devido às nossas festas.

Estas, para nós têm grande valor porque é por meio delas que nós podemos dar-vos a conhecer o fruto real desta Obra.

Para vós tem, ou deve ter, o mesmo valor, porque naquelas pequenas horas, vós podeis conhecer o nosso humilde viver.

Espectáculos elaborados por rapazes, estes que amanhã poderiam ser homens inutilizados, porque não tinham um guia, um amparo, mas graças àquele bondoso lavrador, que lançou a sua semente à terra e esta foi crescendo tornando-se a maior árvore do País com fortes ramos, contendo saborosos frutos de diversas cores, mas todos unidos lutam para que esta árvore não seque. Este lavrador é Pai Américo que no Céu chora de alegria ao ver a sua árvore crescer cada vez mais. Esta árvore é a Obra da Rua.

das ramadas em busca das gaipas! Os patzinhos em forma de V na ponta, fazem um jeito!!!

* Mais um dos nossos no Ultramar. Foi ele, o Quím Oliveira que seguiu

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

É uma mulher idosa. Mãos caejadas. Envelhecida mais pela cruz da vida, que pelos prazeres. Um caso, aliás, já conhecido, por remédios que não pode comprar na botica e lhos damos na hora própria. Pois as drogas custam aos Pobres os olhos da cara! E são grande pesadelo para os sem «Caixa».

Há dias veio até nós. Não por medicamentos. Querias mas é ser incluída no giro dos vicentinos.

— Sabe, eu já quis pedir. Mas, olhe, toda a gente diz que eu tenho uma «casota»!...

— Que tem a «casota» com as suas dificuldades?! Valha-nos Deus!

— Pois é! Querem que eu coma as telhas. E depois?...

— Ia dormir ao relento...

Infelizmente este conceito de caridade é muito vulgar. O mundo dói-se mais pelo miserável (quando dói...) e acha que a Caridade faz mal ajudando quem está na iminência de cair prostrado!

Levantámos a voz. Dissemos não aos «coveiros». E ti Maria vai ser amparada com um pouco do nosso pouco. E dormirá um nadinha mais descansada, sob as telhas do pobre «casota», até que o Senhor a chame pró seu Lugar.

Visado pela Comissão de Censura

QUE RECEBEMOS — São três migalhas. Valem uma fortuna, porque dadas com muito amor! Ei-las:

«Como de costume, envio 50\$00 para a Missa do 14.º mês que passa no próximo dia 17, pelo eterno descanso do meu querido filho Rui. O que sobrar é para a Conferência e que os contemplados roguem ao Senhor que eu e minha nora possamos educar, para honra e glória do Senhor, as filhinhas que ele nos deixou tam novinhas, pois actualmente a mais velhita tem 8 anos e a mais novinha 18 meses. Deus nos dê conformidade com a sua Divina Vontade, para podermos levar a cruz com paciência e resignação».

Mais 50\$00 do assinante 8114, pedindo «uma oração por intenção dos meus 7 filhos e por alma de minha Mulher».

E, por fim, 120\$00 cota do 2.º remestre do ano corrente, oferta do assinante 18223, ora às voltas com uma cruz bem pesada. Mas o Senhor torná-lá-à mais doce. Quanto mais não seja, pela força da Fé.

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE